

## PROCESSO CRIATIVO E COLABORATIVO EM TEMPOS PANDÊMICOS NO PIBID UFPEL- NÚCLEO DANÇA E TEATRO

ALLISON LOURENÇO DOS SANTOS<sup>1</sup>;  
ANDERSON ROBERTO CRUZ DA SILVEIRA<sup>2</sup>;  
TAÍS CHAVES PRESTES<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Federal de Pelotas – [allyssonlorenzo123@gmail.com](mailto:allyssonlorenzo123@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade de Federal de Pelotas – [anderson1097hobert007@gmail.com](mailto:anderson1097hobert007@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – [taischavesprestes@hotmail.com](mailto:taischavesprestes@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este estudo relata a experiência de dois bolsistas na trajetória intitulada por ambos de "Processo criativo e colaborativo em tempos pandêmicos no PIBID núcleo Dança e Teatro". Tem por objetivo abordar pontos relevantes que aconteceram no primeiro semestre letivo de 2021 propostos no modo remoto em uma escola da zona rural da cidade de Pelotas-RS. Dentro desse contexto trabalhamos a criação, desenvolvimento e colaboração nas atividades.

Para realizar o processo de criação na escola, realizamos reuniões com sugestões dos coordenadores e supervisoras em que alinhamos ideias e criamos um plano de ensino com a finalidade de desenvolvê-las no modo remoto, em virtude do período pandêmico em que vivemos. Para tanto, nos baseamos no DOM (Documento Orientador Municipal, 2020) analisando as áreas Dança e Teatro. A partir disso resolvemos dar continuidade ao que já havia sido trabalhado ao longo do semestre e explorar o processo de criação individual e coletivo dos alunos, seja na invenção de um movimento, fala, personagem ou objeto. Instigamos a usarem criatividade de modo lúdico a qual partia de cada indivíduo no propósito de compreender o entendimento sobre a atividade, mas também compreendê-los como criadores de arte a partir das orientações sugeridas.

Considerando o fato de que o núcleo PIBID atua conjuntamente nas áreas de Dança e Teatro na UFPEl e que trabalhamos esses dois campos do conhecimento juntos em sala de aula, buscamos incorporar dentro do nosso processo alguns teóricos e conceitos que dialogam com o corpo, a voz e a dramatização. Quais sejam: LABAN; R.V (1958), JOOSS; KURT (1932), LECOQ; JACQUES (1956) DESGRANGE; FLÁVIO (2006) contemplando assim, o aporte deste estudo.

### 2. METODOLOGIA

Desde o início de nosso ingresso de maneira remota na escola da zona rural, os alunos colaboraram com as propostas realizadas dentro do horário de aula que acontece sempre em uma hora por semana. Para o processo criativo ser realizado foram necessárias oito aulas. Utilizamos orientações explicativas e slides, além de ficarmos disponíveis para dúvidas e perguntas relacionadas às atividades desenvolvidas, bem como àquelas que serviam de tarefa para casa. Mesmo ocorrendo uma troca de bolsistas, os alunos se mantiveram receptivos às práticas.

Demos início à primeira etapa, trazendo o *Barbatuque*, um grupo de percussão corporal, que propõe criar sons com batidas no corpo "O Barbatuque, deu origem a diferentes técnicas de percussão corporal, percussão vocal, sapateado e improvisação musical, desenvolvidas em suas experiências coletivas e somadas à



bagagem individual de seus integrantes” (BARBA; FERNANDO, 1995), tendo como base a ideia do grupo abordado, foram trabalhadas algumas propostas de sons corporais utilizando batidas com os pés e com as palmas das mãos, além de ser sugerida, com base no exercício da aula, uma tarefa para que eles gravassem um vídeo realizando a atividade de criar sons utilizando os pés e as mãos ritmados pelos sons da boca.

Na seguinte etapa, utilizamos como aporte a exploração de movimentos do teórico Rudolf Von Laban, permanecemos algumas aulas explorando os planos e fatores do movimento que são divididos em quatro, são eles: espaço, tempo, peso e fluência, LABAN; R.V. (1950), traz a linguagem do movimento livre criada a partir de cada corpo, individualmente. Trabalhamos de forma lúdica relacionando a teoria de Laban com auxílio de elementos, como por exemplo, a pena que simboliza a leveza, mas também a rapidez e a pedra como símbolo de peso e força. Ao final, os alunos foram questionados em relação à diferença de movimentação gerada entre o contato com os distintos elementos apresentados, citamos algumas movimentações as quais foram revisitadas em aula e eles as realizaram em suas criações, mostrando assim, uma compreensão sobre o todo da atividade. A distinção entre os planos, alto, médio e baixo e as sequências de movimento como correr, fechar, espalhar, encolher, ondular, pular foram exemplos realizados, repetidos e reaproveitados pelos discentes em suas criações de sequência.

Ainda com o intuito de instigá-los, propusemos a criação de um ambiente onde eles imaginavam um lugar lúdico, trabalhamos a ideia de “jogo espontâneo” em que “almeja-se que os participantes conquistem a capacidade de criar, organizar, emitir e analisar um discurso cênico” (DESGRANGES; FLÁVIO, 2006). Sendo assim, foi criado um esquema de perguntas feitas pelos bolsistas na finalidade de instigar a criação individual desse cenário, dessa forma, cada aluno desenvolvia a sua autonomia e propriedade do conteúdo, além do seu processo de criação. Obtivemos criações diversas partindo das ideias de locais imaginados por cada um, entre elas estão: floresta, videogame, cidade, estrelas, montanhas. Assim finalizamos essa etapa.

Para começarmos uma nova fase, desenvolvemos a atividade com o auxílio do Grammelot, um: “jogo onomatopaico de palavras, com gestos, ritmos e sonoridades particulares, que imita a língua do local onde o grupo se encontra, fazendo uma aproximação melódica (prosódia), fonética e gestual” (HÖRLLÉ; MARIANA, 2014). Cada aluno criou uma linguagem única que foi apresentada na primeira parte da aula, já na segunda parte foram realizados diálogos em duplas que iam acontecendo por trocas, com intuito de explorar a criação linguística teatral.

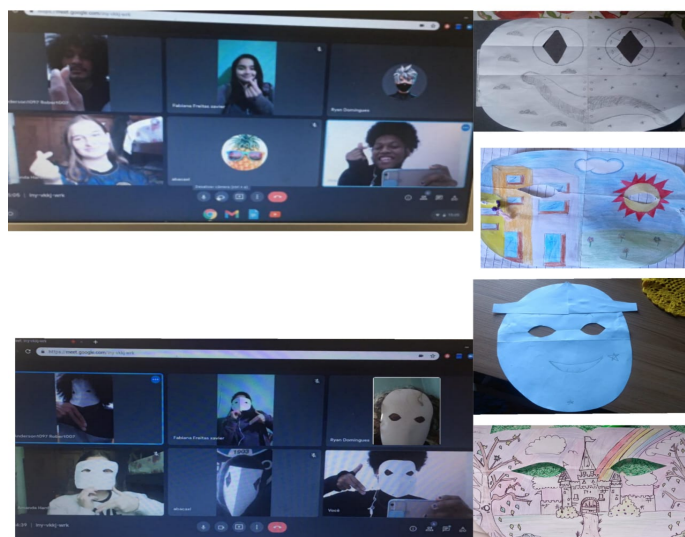
Após finalizarmos esse encontro, iniciamos a construção da personagem com máscara neutra, a ideia surgiu a partir da teoria de LECOQ; JACQUES (1956), que propõe trabalhar uma única expressão facial tendo como objetivo investigar o vazio. A criação da máscara neutra foi feita em aula com uma experimentação de cena e a participação de todos. Foi deixada como tarefa de casa a caracterização da máscara, tornando-a uma máscara expressiva. Na última etapa foi realizada a criação de um roteiro colaborativo a fim de que todos construíssem o trabalho em parceria. A partir desse texto, iniciaram uma cena, baseada na obra “Mesa Verde” de JOOSS; Kurt (1932), esse espetáculo explora o híbrido da cena “uma vez que o trabalho tem como grandes alicerces o teatro, a narração, a dança e a música (VELOSO, GUSTAVO, 2012)”. Durante todo o processo foi fundamental a colaboração criativa e participativa de cada aluno.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao finalizar nossas primeiras propostas correspondentes ao primeiro semestre de 2021, questionamos aos alunos sobre como se sentiram ao realizar o processo criativo, e os comentários foram: “se sentir livre”, “legal”, “bem”, “top”, “foi bom”. Sobre as práticas que envolvem movimentação, os comentários foram: difíceis, leves, pesados, rápidos e fluindo, entre outros, nota-se uma referência às atividades de Rudolf Laban (1958) estudadas sobre fatores de movimento e planos. Trabalhando o olhar e movimento em frente à câmera no modo remoto, e mantendo o costume de deixar atividades como tarefa de casa, a decoração da máscara de forma livre, teve um retorno, para nós, surpreendente, pois cada aluno criou o mundo que imaginou na máscara (a seguir na Figura 1).

Até o presente momento o processo de criação de modo remoto teve resultados relevantes, pois trouxemos um olhar de problematização para o desenvolvimento criativo e colaborativo desde sua execução na sala de aula. Idealizamos e executamos, em parceria com os alunos, ao longo das aulas, as atividades, e percebemos que os alunos contribuíram para esse processo com um retorno positivo ao que tange a ampliação dos repertórios criativos operando no desenvolvimento de cada educando, articulados às suas próprias referências em movimentação, imaginação e atuação, colaborando na criação dos personagens com suas personalidades e vivências.

Figura 1



### 4. CONCLUSÕES

Concluimos que até o presente momento, obtivemos resultados relevantes, como por exemplo, um roteiro teatral que aponta uma possível futura criação de cena, além de enfrentarmos o desafio de realizar um trabalho de forma remota.

Em suma, esse processo ainda segue em execução, mas até esse momento conseguimos observar grandes avanços nessa pesquisa em espaço escolar, descobrindo uma grande potência na criação coletiva.

## 5. AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, S. **Stanislavski e a formação do ator**. SALA PRETA, São Paulo, vol.19, n.1, p.268, 2019.

Desgranges, F. **A pedagogia do teatro, provocação e dialogismo**. EDITORA HUCITEC: São Paulo, 2006.

Hörlle, M. SAUSSURE E O TEATRO: Grammelot e o falar sem “palavras”. **XXVII Salão de Iniciação Científica**, Porto Alegre, 2015, **Lume Ufrgs**.

Laban, R. **DOMÍNIO DO MOVIMENTO**. Summus Editorial, São Paulo, 1978.

Lecoq, J. **O CORPO POÉTICO UMA PEDAGOGIA DE CRIAÇÃO TEATRAL**. EDITORA SESCSP: São Paulo, 2010.

Pavis, P. **DICIONÁRIO DO TEATRO**. EDITORA PERSPECTIVA S.A. São Paulo, 2008.

VELOSO, G.A.V. **A COMPOSIÇÃO E O CORPO CÊNICO: UM ESTUDO DE ARTES CORPORAIS PARA A COMPOSIÇÃO DE UMA CENA HÍBRIDA**. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) CURSO - Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.